

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAYLA CRISTINA BALLAN

**TEORIA DAS ELITES: INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS FUNDAMENTAIS
SEGUNDO SEUS TEÓRICOS CLÁSSICOS**

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Neves Costa

**CURITIBA
2012**

MAYLA CRISTINA BALLAN

**TEORIA DAS ELITES: INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS FUNDAMENTAIS
SEGUNDO SEUS TEÓRICOS CLÁSSICOS**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Sociologia Política. Curso de Especialização em Sociologia Política do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná, turma 2011.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Neves Costa

**CURITIBA
2012**

RESUMO

Este trabalho apresenta uma revisão bibliográfica dos autores clássicos que desenvolveram seus estudos sobre a teoria das elites. É fundamental a compreensão dos elementos que definem uma classe como elite, e desta forma os trabalhos de Gaetano Mosca e Vilfredo Pareto são importantes para desenhar os contornos que assumem as características desta distinta classe. Com o trabalho de Robert Michels, a luz dos dois autores anteriores, percebemos a criação e desenvolvimento de uma elite política no seio dos partidos de massa. Portanto foram analisadas as principais obras dos três autores onde se buscava uma maior compreensão do tema. Assim a partir dos conceitos elaborados que definem a elite política constata características que descrevem o grupo social que tem como fundamental a busca pelo poder; desta forma percebe-se a clara divisão entre dominantes e dominados, classes políticas divergentes e formação de elites de partidos. O importante e motivador neste trabalho, que se pautou na análise da teoria das elites, pelos clássicos é que perceber o movimento da sociedade a favor da permanência e atividades desse grupo de seres denominados superiores, e as influências que os mesmos têm nas decisões, e nas participações de eventos de cunho coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria das Elites. Classe Política. Circulação de elites. Partidos de Massa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. TEORIA DAS ELITES.....	6
3. GAETANO MOSCA E A CLASSE POLÍTICA	8
4. VILFREDO PARETO E A CIRCULAÇÃO DAS ELITES	11
4.1 Elite Governante e Elite não governante.....	14
4.2 A Circulação das Elites	15
5. ROBERT MICHELS E A LEI DE FERRO DA OLIGARQUIA	17
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
7. BIBLIOGRAFIA	25

1. INTRODUÇÃO

A ideia da existência de algum tipo de dominação de um grupo sobre outro na sociedade é bastante discutida por estudiosos de todas as áreas que compreendem as ciências sociais. Este grupo dominante pode ser chamado de “Elite”, sendo esse conceito amplamente entendido como um grupo dotado de poder, riquezas, privilégios e, até mesmo, considerado um grupo de seres selecionados. Como afirma sabiamente Norberto Bobbio “em uma sociedade, existe sempre, e apenas, uma minoria que por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma minoria que dele está privada” (1992; pág. 386).

Gaetano Mosca (1896) afirma também em seus escritos sobre a Ciência Política que, em todas as sociedades, desde as mais simples até as mais complexas, existem sempre duas classes, os governantes e os governados. Os governantes têm como aliados os seguintes atributos: força física, poder econômico, sabedoria e íntima relação com as divindades.

Vilfredo Pareto, em *Tratado de Sociologia Geral* (1916), estuda a interação, ou circulação entre as classes de elites, sejam elas elites políticas, econômicas ou intelectuais. Os membros da elite não são permanentes, sempre há uma renovação, circulação dentro da mesma. Segundo ele, sempre nas sociedades, havia uma classe que se destacava das demais, ou seja, a elite.

Robert Michels, inspirando-se nas ideias de Pareto e Mosca, estuda os grandes partidos de massa em sua estrutura e aponta a organização como ponto fundamental para sucesso dos partidos, de modo também que a organização é o que forma de fato o grupo oligárquico. A democracia era um dos fatores que mais preocupava Michels. A “lei de ferro da oligarquia” é a teoria desenvolvida por Michels, segundo a qual a organização é fonte da qual nasce a dominação dos eleitos sobre os eleitores.

A teoria das elites também foi bastante difundida nos Estados Unidos, especialmente com Harold D. Lasswell; Abraham Kaplan; Floyd Hunter; C. Wright Mills.

Percebemos que o conceito de elite é formado pela ideia de que existem tipos superiores de pessoas, escolhidas ou predestinadas, e que para fazer parte desse seleto grupo são necessárias algumas condições.

Podemos genericamente pontuar alguns fatores que descrevem a teoria das elites, como, por exemplo: a classe dominante sempre tem um número de componentes menores do que a grande massa. Sempre existirá nas sociedades uma classe dominante e uma dominada, e isto é causa da divisão desigual do poder. O poder político é sempre o mais desejado e mais importante nas instituições.

O objetivo deste trabalho é fazer uma revisão dos conceitos de Elite Política fundamentados na teoria desenvolvida por alguns dos autores clássicos. A partir dos conceitos de Classe Política abordados por Gaetano Mosca (1939; 1992), nas considerações sobre a Circulação das Elites de Vilfredo Pareto (1935) e na Lei de Ferro das Oligarquias de Robert Michels (1982), pretende-se realizar uma revisão bibliográfica verificando, de um lado, como os autores clássicos da Teoria das Elites caracterizam as elites políticas e, de outro, que formas de análise das formas históricas de elite política tais estudos sugerem.

O texto será dividido em quatro capítulos fundamentais, onde o primeiro apresentará a ideia de Elite Política; o segundo colocará em exposição o trabalho de Gaetano Mosca; o terceiro, o trabalho de Vilfredo Pareto; e, por fim, o quarto apresentará o trabalho de Robert Michels. Seguindo, assim, as considerações finais da exposição.

Ao final do trabalho, portanto, se elevara os conceitos principais das obras destes três autores escolhidos para que desta forma compreenda os seus conteúdos em totalidade, e também como participantes de uma linha teórica.

2. TEORIA DAS ELITES

O debate acerca da teoria das elites – sua formulação, teorias, autores e discussões pertinentes – foi intenso até meados dos anos 80 entre os estudiosos da sociologia política e da historiografia social, quando aos poucos foi deixada de lado pelos pensadores das ciências sociais. Entretanto, não houve seu total desaparecimento, mas sim um declínio do interesse pelas pesquisas sobre Elites.

Ainda assim, percebe-se a importância que deve ser dada ao tema, visto que, em todas as sociedades ao longo dos anos, existiu uma parcela menor da população que foi detentora do poder, e outra, a maioria, que foi dominada.

Há também um grande debate sobre o que realmente seria a “Elite”, em que a literatura aponta controvérsias metodológicas acerca de sua definição, pois, antes dos estudos sobre a elite, este termo estava vinculado a definições militares de unidade de elite; assim, estes estudos sociológicos designavam os grupos que ocupavam os cargos de destaque dentro do sistema político. Da mesma forma, o conceito “elitismo” é usado pelos críticos aos autores clássicos, para evidenciar um sentido pejorativo.

Ao longo de todos os escritos sobre a chamada Teoria das Elites, pode-se evidenciar com mais importância os trabalhos dos autores que por muitos estudiosos são considerados básicos para sua interpretação.

Estes autores discutem as relações de poder e de dominação, explicando as mudanças sociais e políticas que ocorrem na sociedade.

Mais do que isso, se a teoria das elites tem uma linhagem indisputada, uma genealogia de autores consagrada, é interessante perceber que as referências legitimadoras a ela partem, invariavelmente, de uma evocação quase que ritual às origens, àqueles que são reconhecidos como seus clássicos, seus pais fundadores — Mosca e Pareto —, ainda que nem sempre se trate de louvá-los, e sim de esconjurá-los. Essa referência obrigatória, é importante destacar, pode se dar mesmo quando o trabalho se inscreve em um campo disciplinar como o da antropologia, em cujo panteão, tradicionalmente, nenhum daqueles dois autores é perfilado. (Grynspan, 1999, pag.13)

As páginas que se seguem colocarão em exposição os trabalhos de Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e também de Robert Michels. Para que a luz dos escritos dos pensadores italianos e do alemão, evidenciaremos as particularidades dos escritos sobre Elites. Percebemos que Mosca e Pareto são o ponto de partida e, juntamente com Michels, teremos uma completa visão do que é Elite Política.

Os autores citados entendem a política como uma prática de lideranças que, por sua origem e formação, atribui-se o direito de dirigir e comandar as massas populares, as quais, por sua condição social e histórica, não estão aptas a governar. Os três autores têm em comum em seu pensamento a questão da polarização dos grupos, pois falam sempre em grupos sociais. Nesse contexto, é natural que os “inferiores” sejam dirigidos pelos “superiores” que possuem conhecimento da arte de comandar.

3. GAETANO MOSCA E A CLASSE POLÍTICA

Gaetano Mosca nasceu em Palermo, na Sicília, em 1º de abril de 1858 e faleceu em 8 de novembro de 1941, em Roma; jurista, teórico político italiano.

Suas principais obras foram a *“Teorica dei governi e governo parlamentare”*, de 1884; *“Questioni costituzionali”*, de 1885; *“Elementi di Scienza Política”*, de 1896; *“Appunti di diritto Costituzionale”*, de 1906 e *“Saggi di storia delle dottrine politiche”*, de 1927.

É em sua obra *“Elementi di Scienza Política”* que percebemos a sua maior dedicação em descrever as classes dirigentes, o que notoriamente é também sua maior contribuição à ciência política.

Como foi destacado, Mosca, na edição italiana dos Elementi, de 1923, já procurava fazer da classe política o centro de sua reflexão. Mais do que isso, em diversos trechos do livro — que mais tarde qualificaria como seu “trabalho maior”, seu “testamento científico” (apud Bobbio, 1992:7) —, ele introduziu o termo classe dirigente, usado de forma intercambiável com classe política, ainda que continuasse a privilegiar este. (Grynspan, 1999, pag.52)

O trabalho de Mosca insere-se nos estudos sobre a discussão entre as relações de poder e de dominação. Não utilizava o termo “Elite”, mas sim “Classe Política”, pois para ele o termo elite supõe os melhores e, em sua concepção, não necessariamente os que estão no poder são os melhores, a elite apenas detém certa superioridade material, moral ou intelectual, além da organização.

Para Mosca, o primordial era que, em todos os organismos políticos, houvesse sempre duas classes de pessoas, em que uma se constituiria com a maior parte da população, e outra com a minoria.

[...] que os governantes, ou seja, aqueles que detêm nas mãos os poderes públicos — e os exercitam —, são sempre uma minoria, e que abaixo deles há uma classe numerosa de pessoas, as quais, não tendo nunca participado de forma efetiva do governo, não fazem senão sofrê-lo. Elas podem ser chamadas de governados (Mosca, 1925, pag. 16)

Essa minoria que movimentava a máquina do governo é denominada classe política, ou classe dominante, ou como chamaremos: “a elite política”. A maioria é claramente a grande massa, o restante da população. A maior distinção entre estas

duas classes seria claramente o poder. Poder de dirigir, comandar, escolher... Ou seja, uma classe dirigida e outra dirigente.

En todas las sociedades, empezando por la medianamente desarrolladas, que apenas han llegado a los preámbulos de la civilización, hasta las más cultas y flertes, existen dos clases de personas: la de los gobernantes y la de los gobernados. La primera, que es siempre la menos numerosa desempeña todas las funciones políticas, monopoliza el poder y disfruta de las ventajas que van unidas a él. En tanto, la segunda, más numerosa es dirigida y regulada por la primera de una manera más o menos legal, o bien de un modo más o menos arbitrario y violento, y a ella suministra, cuando, menos aparentemente, los medios materiales de subsistencia y los indispensables para la vitalidad del organismo político. (MOSCA, 1984, Pag.106)

Outro ponto claro que Mosca destacava de divergente entre as duas classes era a organização. Para ele, a organização seria o conjunto das relações de interesse que a classe política tem entre si, fazendo-a se coligar, e, desta forma, constituir um grupo solidário e homogêneo, bastante diferente da classe dos governados que, além de desarticulada, é dividida e dispersa.

Para além de organização e numerosidade de elementos de classes, a minoria tinha também um atributo que a diferenciava da maioria. Um atributo claro e evidente, o que a valorizava socialmente. A riqueza, força física, detenção de saber, ou seja, deter o conhecimento científico de assuntos que eram de interesse geral, e, mais ainda, o contato direto com as divindades, tudo isso era o que separava com distinção as duas classes sociais. Este era o ponto fundamental da legitimação de poder que a minoria dirigente usava para se sobrepor sobre a maioria dirigida. As qualidades que uma classe tinha e a outra não eram o que Mosca chamava de forças sociais, as quais variavam de tempo e de espaço, isto é, onde cada sociedade valorizava determinados aspectos, outras sociedades valorizavam outros.

Outro ponto importante era a hereditariedade, pois o poder era passado entre as famílias e, desta forma, qualquer interação e mudança entre as classes era algo bastante difícil.

A experiência histórica não faz senão confirmar aquelas induções que podem ser tiradas pela sociedade atual. Existem muitos casos nos quais os cargos eletivos ficaram quase sempre enquistados nas mesmas famílias, porque naturalmente quem nasce fora delas terá de superar muitas desvantagens para poder concorrer vitoriosamente (Mosca, 1925, pag. 31-2).

Mosca fala da reprodução das elites, no sentido de que elas são hereditárias, onde é no seio da elite que se forma os novos participantes.

Apenas em sociedades mais evoluídas o mérito pessoal é bastante considerado para recrutamento a participação da elite política. Dessa forma, percebemos que havia uma estabilidade da classe dirigente e, na forma de hereditariedade do poder, verificamos como este sistema era eficaz. A classe dirigente não se mantinha no poder apenas por força, ela se utilizava de seu poder divino e moral. Além disso, a classe dirigente estava mais apta para estar à frente do poder e teria conscientização de ter este graça de deter o poder. Era a maneira da minoria que governava manter-se no poder.

Mosca não afirma em nenhum momento que o poder é detido por uma única pessoa. Ao contrário, para se manter no poder, o governante eleito necessita de uma classe dirigente que lhe dê suporte e apoio.

A justificativa que a minoria utilizava para se manter no poder é a fórmula da prática política, a qual era baseada em princípios aceitos pelo povo de determinado território, em determinada época. Esta fórmula é materializada em forma de ideologia que, junto de crenças, princípios e valores, faz com que a minoria se identifique e aumente a sua capacidade de persuasão.

Sendo assim, a fórmula política, ao mesmo tempo em que fornecia o princípio de legitimação do poder da minoria governante, podia representar um limite a esse mesmo poder, um ponto além do qual não se poderia ir. (Grynspan, 1999, pag.100)

Dessa forma, a classe política utiliza a fórmula política para legitimar o seu poder em um território. E, dessa forma, a não aceitação da fórmula política é o que dava mobilidade para que surgisse outra classe política, a qual detinha outra fórmula política que fosse mais aceitável e atual.

Para Mosca, a democracia era muito importante, entretanto, percebia que a igualdade entre os homens era algo quase impossível na realidade. A democracia, para ele, era uma tendência e, obviamente, uma tentativa importante de renovação das classes dirigentes. A tentativa da renovação para Mosca era essencial para o progresso das sociedades, pois permitia o descongelamento de poder nas mãos dos mesmos. Entretanto, enxergava que a tendência aristocrática da sociedade era contrária a tudo isso, pois não permitia novos participantes.

Segundo Mosca, o socialismo e o parlamentarismo eram teorias utópicas que sugeriam o mesmo objetivo: legitimar e manter um poder que sempre estará nas mãos de poucos.

A aristocracia era um grupo fechado que controlava todos os cargos importantes da sociedade e da administração do Estado.

A participação das classes subjugadas nas eleições era um ponto que Mosca discute em seu trabalho, pois, para ele, as eleições não tinham o significado expresso de que o povo dirigisse o governo, ou ainda que o povo tivesse o poder expresso de escolher quem iria governar. Ele queria dizer que algumas forças políticas em condições ditas favoráveis controlam e limitam as atividades das outras classes. O eleitor não escolhia seu eleito com liberdade, mas optava entre um conjunto de candidatos que eram promovidos por comitês, ou seja, a minoria organizada. A verdadeira imposição era do representante sobre os representados.

Ou seja, as eleições são lutas entre os partidos políticos que têm como princípio influenciar a massa.

Mosca também afirmava que, ainda que a classe dirigente de determinada sociedade fosse derrubada, outra classe política surgiria em seu lugar, e ainda do interior do grupo dos descontentes. Ou seja, sempre haverá uma classe política dominante, uma elite de poder.

O movimento da humanidade seria a luta entre a tendência aristocrática pela estabilidade política dirigente, em que sempre a classe política atual quer se manter no poder, e a tendência democrática, que almeja a renovação da classe política dirigente, em que outros grupos tentam alterar e substituir a classe atual. A estabilidade ou a renovação das classes dirigentes é o que tem como consequência os resultados necessários de exercer a liderança e o poder de uma sociedade.

4. VILFREDO PARETO E A CIRCULAÇÃO DAS ELITES

Vilfredo Federico Damaso Pareto era um político, sociólogo e economista que nasceu em Paris, em 15 de julho de 1848, e faleceu em Celigny, em 19 de agosto de 1923. Suas principais obras foram *“Cours d’Economie Politique (1896-97)”*; *“Manuale d’Economia Politica (1906)”*; *“Trattatodi Sociologia Generale (1916)”*.

Grynspan (1999) afirma que foi com Pareto que a disciplina de sociologia ganhou terreno, elevando-se ao estatuto de ciência, pois Pareto dedicava-se a estudar as ações lógicas que são mais comuns aos seres humanos. Ele afirmava que a sociologia ainda não havia se tornado uma ciência porque os sociólogos não

tinham se libertado ainda da ideia da metafísica; para ele, as ações do homem não são orientadas pela razão, entretanto, procuram explicações racionais para elas.

Percebemos na obra de Mario Grynzpan o que Pareto pretendia com seus escritos:

Dentro dessa perspectiva, Pareto dizia que a sua abordagem dos fenômenos sociais, os econômicos incluídos, era a mesma do astrônomo, que observava os movimentos dos astros sem poder modificá-los (Grynzpan, 1999, pg. 158).

É em sua obra *“Trattatodi Sociologia Generale”* que é descrita a Teoria das Elites, onde afirma também que “A história não é mais do que um cemitério de Aristocratas”.

Pareto, ao descrever as Elites, explica também o fenômeno da perpetuação de grupos no poder, pois se é determinado grupo é denominado Elite Política, é porque permanece no comando do Estado.

A sociologia de Pareto tem foco na perspectiva dualista da sociedade, pois, em todas as esferas de tempo e da sociedade, existem indivíduos que, por dotarem dons especiais ou qualidades superiores, destacam-se dos demais, o que os torna parte de uma minoria, ou seja, de uma elite. E do outro lado, está o grupo da não elite, constituída do restante da população.

Pareto, de origem aristocrática e alto capital social, formulou o conceito de elite a partir da demonstração da inevitabilidade da desigualdade social, fundando-a, porém, no que era uma distinção essencial em relação às não-elites. Assim, não por acaso ele identificava elite a aristocracia, ainda que procurasse neutralizar o termo, objetivá-lo, remetendo-o à sua raiz etimológica, que era a de melhor (Grynzpan, 1999, pg. 173).

O termo elite, nesse caso, não designa apenas a aristocracia, mas sim qualquer agrupamento humano onde alguns se destaquem dos demais, sendo considerados pertencentes à Elite. Dessa forma, percebemos que poderá existir uma elite de guerreiros, econômica, religiosa e também poderá existir no seio dos moradores de ruas uma elite que seja o grupo de pessoas mais aptas, mais espertas e que mais ganham dinheiro pedindo esmolas.

(...) em *Lessystème socialiste* como uma aristocracia, como os melhores, de acordo com as qualidades valorizadas em determinada sociedade, favorecendo a prosperidade e a dominação de uma classe. Como já se viu, isso implicava pensar na possibilidade de uma aristocracia de santos, de uma aristocracia de ladrões, de uma aristocracia de sábios, de uma

aristocracia de guerreiros e assim por diante, o que, por sua vez, significava reconhecer que em todas as sociedades, mesmo nas mais democráticas, haveria sempre uma elite que governaria (Grynspan, 1999, pg. 182-3).

Para Pareto, qualquer que seja a atividade que o indivíduo exerça, sendo advogado ou ladrão, o que se destaca é como ele desenvolve esta atividade. O importante, portanto, não é atividade, mas sim como ele desempenha a atividade ou o que é capaz de fazer. É nesse contexto que Pareto diferencia quem é o melhor e o pior ao desenvolver determinada atividade.

Havia, porém, uma curva na qual se observava uma coincidência entre as posições ocupadas pelos indivíduos em relação à da riqueza; era a do poder ou da influência política e social. Os indivíduos que ocupavam o topo dessas pirâmides é que constituíam uma elite: Mas se dispusermos os homens segundo o seu grau de influência e de poder político e social, nesse caso, na maioria das sociedades, serão, ao menos em parte, os mesmos homens que ocuparão o mesmo lugar nessa figura e na da distribuição da riqueza. As classes ditas *superiores* são também, em geral, as mais ricas (Grynspan, 1999, pg 173-174).

Onde a o que seria definido como a “Nata da Sociedade” seriam políticos, desportistas, melhores músicos, artistas.

Entretanto, para Pareto, as elites não são eternas, elas sofrem renovações de tempos em tempos, o que ele denomina como circulação das elites.

Segundo o mesmo autor, imbuído de critérios naturais, meritocráticos e qualitativos, o grupo de pessoas sobe ao estatuto de elite e, dessa forma, mantém esta posição social.

Quando a classe dominante é recrutada por hereditariedade ou por cooptação, o seu jugo é mais odioso do que quando ela é recrutada por eleição; daí não se segue, contudo, que ele seja também mais pesado (PARETO, 1964, p. 387).

Percebemos que na Teoria das Elites há uma relação entre poder e merecimento, os quais estão relacionados, constituindo estabilidade. E, mesmo que a elite que está no poder bloqueie a circulação que é natural, as classes mais baixas utilizam de revoluções que, nesse sentido, seriam instrumentos políticos, para reverter a situação da elite dirigente que está no poder.

Em todas as sociedades, também existirá a luta constante entre a elite que está no poder e o grupo que dela está excluída. Não é uma luta de classes, como apontam e justificam os marxistas, mas sim uma luta das elites.

A luta de classes, sobre a qual Marx dirigiu especialmente a sua atenção, é um fato real, do qual encontramos traços a cada página da história, mas ela não tem lugar apenas entre duas classes: a dos proletários e a dos 'capitalistas'; pode ser vista entre uma infinidade de grupos que têm interesses diferentes e, sobretudo, entre as elites que disputam o poder (Pareto, 1965:l, p. 117-118).

Esta luta das elites não tem um fim predeterminado, pois, ainda que fosse extintas todas as classes sociais, se formaria outro grupo que tomaria o lugar da elite. Um exemplo seria a revolução burguesa capitalista, pois, para Pareto, não foi uma expressão da luta de classes no seio do desenvolvimento humano, mas sim a substituição da elite aristocrática pela burguesa. E, pensando dessa forma, a revolução socialista seria a inversão da elite burguesa pela elite socialista, e, mesmo que ela fosse dominada pelos ideais de direitos iguais, ainda assim seria a elite.

Pareto também não acredita no governo de massas, ou um governo de soberania popular, pois, para ele, todo governo é uma minoria, e mesmo com o sufrágio universal, não haveria como alterar esse quadro.

No decorrer da história, a elite sempre tentou acentuar a sua posição social, e desta forma vai desenvolvendo cada vez mais a sua capacidade de dirigir os outros, seja por meio de fraudes ou mesmo da forma.

Para Pareto, a grande maioria da população não é capaz de reverter sua situação, a não ser pelos seus membros privilegiados que, ao utilizarem as suas capacidades, intelectuais, morais, divinas, se propõem a alcançar o top das elites. Isto não é identificado como ascensão das massas, mas sim da chamada "circulação de elites", que descreveremos a seguir. Esta teoria da circulação já foi identificada mais como psicologista do que sociológica.

Pareto, com sua análise das sociedades como sendo sistemas com propriedades que se auto equilibram, influenciou as obras de Talcott Parsons e tantos outros nomes do estrutural funcionalismo.

4.1 Elite Governante e Elite não governante

A Elite é uma minoria de indivíduos que, por possuírem características valorizadas, destacam-se na sociedade. É constituída por governantes e não governantes.

Nesse sentido, Pareto começava por observar que, para o estudo do equilíbrio social, a elite devia ser dividida em duas. De um lado estava a elite governante, composta pelos indivíduos que desempenhavam um papel

significativo e influente no governo, e, de outro, a não-governante (Grynspan, 1999, pg. 193).

a) Elite Governante: são os indivíduos que participam do governo. E desta forma fazem parte da estrutura mais importante do Estado. São eles a elite econômica, a elite da administração pública, os cargos mais elevados das forças armadas.

b) Elite não Governante: não participam ativamente do governo, mas são denominadas elites por se destacarem na sociedade. São eles grupos da política, desportistas, artistas etc.

O trabalho de Pareto é direcionado à Elite Governante, e é neste grupo que sua teoria se desenvolve. Para ele, a elite governante e a não-governante estão situadas na camada superior da sociedade. Ainda que ele afirme que em toda sociedade também existe uma camada inferior.

A sociedade para Pareto é caracterizada, portanto, pela qualidade social da elite governamental, que se impõe como a classe dirigente à camada inferior. Impondo desta forma seja pela força, inteligência, para assim se perpetuar como classe dirigente, elite política. Pareto afirma que a democracia é de caráter ilusório, visto que o seu poder é de fato colocado nas mãos de uma elite política, que se utiliza dela apenas para seu proveito.

Assim afirma Pareto que a oligarquização é uma tendência da democracia que acentua inevitavelmente os interesses da elite política e da camada inferior da sociedade, onde o poder do papel do povo, junto com o poder das elites, sustenta o Estado Democrático.

4.2 A Circulação das Elites

Para Pareto, em uma sociedade para que haja equilíbrio social, é necessário processos de mudança; e desta forma para que haja renovação da elite política é necessária a circulação da mesma. Ou seja, para se perpetuar no poder, as elites precisam se renovar necessita de indivíduos que sejam capacitados dentro da sociedade. Como afirma Pareto (1965. Pag9) “Um fato de extrema importância para a fisiologia social é o de que as aristocracias não duram. Todas elas passam por uma decadência mais ou menos rápida.”

Uma minoria da sociedade alcança dentro de seu grupo social, ou até mesmo de várias classes sociais, uma hegemonia; isto é um fato sociológico e até mesmo social da formação das elites. O movimento que qualificam alguns e desqualificam outros, tomando em conta elementos que sejam importantes para compreensão da formação das elites, é o resultado da circulação das elites.

Pareto afirma que no seio da elite, existem também dois grupos, os chamados leões, e as raposas, onde os leões se destacam pela força física, e as raposas pela esperteza. Os leões não se deixam cooptar, por outro lado às raposas sim, e é justamente por isto que elas entram em maior quantidade para a elite. Onde a maioria é formada por talentosos. Porém, a elite de leões por serem fortes tentam a todo custo participar das elites, e formam assim a contra-elite. Esta contra elite quando for especialmente forte promoveram a revolução e serão a elite formada pelo segundo grupo. Entretanto com o passar do tempo, ela também se renovará, e assim começará o processo de circulação novamente.

A história para Pareto, diante disso, nada mais era do que um movimento cíclico de alternância de elites. A cada elite que galga o poder corresponderia um período de equilíbrio, seguido de um processo inexorável de decadência e de ascensão de uma nova elite. Este era, de fato, o movimento geral da sociedade, e a luta de classes, que o marxismo via como motor da história, embora verdadeira, nada mais era do que um caso particular desse movimento. (Grynspan, 1999, pag 174-5)

A elite ao contrário da massa é por natureza inovadora, cética, racionais e lógicas, enquanto que as massas são crédulas, e mais conservadoras, e para Pareto este sentido de inovação que as elites tem é o que faz com que ela sempre se perpetue em um status mais avançado na sociedade.

As revoluções se produzem porque, seja pela redução do ritmo da circulação da elite, seja por uma outra causa, elementos de qualidade inferior se acumulam nas camadas superiores. Esses elementos não possuem mais os resíduos capazes de mantê-los no poder e evitam o uso da força; ao mesmo tempo desenvolvem-se, nas camadas inferiores, elementos de qualidade superior, que possuem os resíduos necessários para governar e estão dispostos a fazer uso da força (Pareto, 1933, pag .304-5).

Para Pareto, a circulação dos indivíduos onde as camadas menos privilegiadas se sobrepõem as melhores, é imprescindível, pois é isto que permite um equilíbrio geral da sociedade.

A circulação das elites é, portanto, o movimento necessário para equilíbrio da sociedade onde há uma substituição de uma elite por outra.

Em relação ao poder, a elite pode se reproduzir das seguintes formas: democraticamente ou aristocraticamente. Da forma democrática a elite permitiria o ingresso de membros que fossem de outras classes sociais, e aristocráticas quando a mudança se dá dentro da própria elite.

A circulação das elites é um processo sem fim, mesmo que lento e imperceptível nenhum agrupamento de elites escapariam deste fenômeno social que é a circulação. Como afirma Grynspan (1999) se a circulação cessar, a elite se ossidifica e desta forma entra em processo de esclerose e decadência.

5. ROBERT MICHELS E A LEI DE FERRO DA OLIGARQUIA

Robert Michels, nasceu em Colônia em 1876, e faleceu em Roma no dia 3 de maio de 1936. Sociólogo alemão que se dedicou a análise do comportamento político do grupo denominado elite dentro dos partidos de massa. De todas as suas obras, destaca-se a “Sociologia dos Partidos Políticos”.

Ficou reconhecido na Teoria das Elites pela elaboração da “Lei do círculo de ferro da oligarquia” onde analisava as elites partidárias. A lei de ferro da oligarquia pode ser resumida dizendo que a organização é a fonte de onde nasce a dominação dos eleitos sob os eleitores, dos mandantes aos que são mandados, para Michels organização supõe oligarquia. Onde não se há possibilidade de se entender e aplicar a democracia, sem organização, conforme percebemos nas palavras de Michels “O princípio da organização deve ser considerado a condição absoluta da luta política conduzida pelas massas.” (1982, pag. 16).

Michels estudava a elite através da organização dos partidos políticos socialistas europeus, em especial os três maiores, o alemão, francês e italiano. Ele mostrava o espaço que o político tinha dentro do partido. E desta forma como o político entrava nos enlances dos partidos e dificilmente escapava. Ele demonstra a existência de elites dentro dos partidos socialistas, se baseando na organização; e desta forma afirmava também que qualquer partido de massa organizado tendia a oligarquização e a burocratização. MICHELS (1982) afirma enfaticamente que quando se trata de organização estamos falando de oligarquia.

Analisava os partidos socialistas atentando-se na organização dos sindicalistas, pois acreditava que dentro destes sindicatos das massas, havia maior organização dos membros, e também que a democracia nestes partidos de massa levaria a aristocracia, pois:

A democracia acabaria, desse modo, transformando-se numa forma de governo dos melhores, numa aristocracia. Os chefes seriam tanto do ponto de vista objetivo como do ponto de vista moral, os mais capazes e os mais maduros; por isso eles teriam não só o direito, mas o dever de colocarem-se à testa da massa, e isso não só como representantes de um partido, mas como indivíduos fielmente conscientes de seu próprio valor pessoal. (Michels, 1982, pag. 57).

Entretanto não foi isto que ele pode perceber, ao contrário, pois em toda organização de massa há uma oligarquia que se forma, passando a tomar as decisões por todos, isto devido a influências técnicas, intelectuais, psicológicas e táticas. Percebeu também que com o crescimento dos grupos, estes se tornavam conservadores externamente. Michels mostra que a direção dos grandes partidos é dominada pela classe profissional, afastando os militantes.

As influências técnicas seriam as mais importantes para derivar o surgimento desta elite, pois, em relação a um grupo numeroso é praticamente impossível haver um autogoverno de massa. Quanto maior o número de pessoas dentro de um grupo mais difícil fica, por exemplo, a organização de uma reunião com todos os membros, selecionando desta forma alguns para participar e decidir pelo coletivo.

Assim impõe-se a necessidade de delegados, capazes de representar a massa e de garantir a realização de sua vontade. Mesmo nos grupos mais sinceramente democráticos, confia-se necessariamente a certos indivíduos os assuntos correntes, a preparação e a execução dos atos mais importantes. (Michels, 1982, pag. 18)

Além disto, com o crescimento do grupo surge a necessidade de dividir o trabalho, e de montar organogramas e desta forma se constituem cada vez mais burocracias. Para que a administração seja eficiente é necessário eleger alguém que possa representar a massa; ficaria ele subordinado as vontades do seu eleitorado, e garantiria que fossem realizadas.

O princípio da divisão do trabalho, impondo-se cada vez mais, as jurisdições se dividem e subdividem. Forma-se uma burocracia rigorosamente delimitada e hierarquizada. A observação rigorosa de regras hierárquicas torna-se o primeiro artigo de catecismo que delinea e define os deveres do partido. Esta hierarquia é o resultado das necessidades técnicas e a

condição mais essencial do funcionamento regular da máquina do partido.
(Michels, 1982, pag.23)

A escolha dos porta-vozes no início era realizado por meios impessoais, entretanto com o passar do tempo percebe-se que desta forma não se escolhe os mais capacitados. Mudando-se a forma de escolha se vê uma maior inserção de políticos profissionais e especializados na política para exercer as funções administrativas. Acontece que desta forma o poder de decisão é retirado da mão da massa e convergido aos chefes. Aos poucos também, aqueles que exerciam o poder deixam de ser controlados pela massa, e acumulam cada vez mais poder em suas mãos. Os dirigentes do partido que antes eram os ex – operários e ex – sindicalistas se tornam uma pequena burguesia, ou a aristocracia do operariado. Sendo estes chefes profissionais e estáveis.

Tais eram os métodos pelos quais se buscava, na origem do movimento trabalhista, fazer com que as massas participassem na administração do partido e dos sindicatos. Hoje em dia, esses métodos estão caindo em desuso. Nos partidos políticos modernos reclama-se para os chefes uma espécie de consagração oficial e insiste-se na necessidade de se formar uma classe de políticos profissionais, de técnicos da política, testados e experimentados. (Michels, 1982, pag. 19)

Em relação a tática, Michels demonstra que os resultados das lutas das organizações das massas, ou dos operários devem ser rápidas, fato que a democracia não ajuda, pois é praticamente impossível a assembleia reunir todos os membros da massa para tomar decisões rápidas. O fator intelectual é identificado por Michels, como fácil de compreender, pois, afirma o autor que a superioridade intelectual garante a permanência dos chefes, e aliado a isto se percebe a incompetência das massas para defender os seus interesses. Pois, como afirma Michels, 1982, a massa é incapaz de gerir seus próprios interesses, o que promove assim a existência dos homens de negócio. O fator psicológico demonstra que nem todos os membros tem vontade de participar da organização e das decisões, as massas por vezes desejam ser guiadas pelos chefes.

Portanto podemos perceber que ele explica essa tendência implacável das organizações a se oligarquizarem, por dois conjuntos de causas já explicitadas acima. Onde de um lado a massa é politicamente imatura e irracional, e desta forma incompetente para decidir sobre seus rumos; passiva também, pois desejam que os chefes tomem as decisões; os tornando praticamente heróis ou exemplos a serem

seguidos. E de outro lado vemos os aspectos técnicos administrativos, que são imprescindíveis a qualquer organização. Assim por uma série de eventos causais Michels percebe que ao mesmo tempo em que se fortalecem as organizações, se desenvolve a formação de uma oligarquia, que é autônoma e que se afasta cada vez mais das bases.

Apesar de queixar-se às vezes, a maioria, no fundo, está encantada por ter encontrado indivíduos dispostos a cuidar dos seus assuntos. A necessidade de serem dirigidas e guiadas é muito forte entre as massas, mesmo entre as massas organizadas pelo partido operário. E essa necessidade vem acompanhada de um verdadeiro culto aos chefes que são considerados como heróis. (Michels, 1982, pag. 35).

Michels percebeu que com o crescimento das organizações é necessário conquistar cada vez mais adeptos, e para isto elas se tornavam moderadas e conservadoras. Viu também que cada vez mais as pessoas dependiam financeiramente da organização, o que impossibilitavam as pessoas de se rebelarem e desta forma perder seus salários.

A centralização burocrática e a elite dos partidos têm como estratégia mais eficaz a remuneração dos dirigentes e também dos funcionários, de forma que com isto ela se torna mais forte, e se expanda.

Os chefes do partido também percebem esta dependência, e veem que o membro precisa do partido para sobreviver, e com isto ele será fiel ao partido sob qualquer circunstância. E percebemos que desta forma a remuneração também favorece a burocracia do partido e o centrismo. A dependência dos membros sob o partido cria um círculo de ferro.

Essas razões idealistas são reforçadas por razões não menos importantes, de ordem material. O hábito de remunerar, de uma maneira suficiente pelo menos os serviços prestados ao partido pelos seus servidores, cria um laço que numerosos companheiros evitam romper, e por mil razões. (Michels, 1982, pag. 72).

Os burocratas desta forma dependem da remuneração paga pelo partido, e assim os dirigentes têm como maior objetivo a sobrevivência da organização onde ela é que mantém sua posição de poder. Diante disto, o partido não é mais um instrumento que esta a serviço de uma causa defendida, mas sim ele se torna um fim para si mesmo. Isto leva ao conservadorismo do partido, onde os programas

radicais são substituídos por ações pragmáticas e reformistas. Ele fica a mercê da oligarquia e da burocracia, e não mais da ideologia.

Isto deriva uma fidelidade ao partido. Pois, Michels (1982) demonstra que dentro destes partidos de massa, é muito difícil ocorrer deserções ou traições. Há muito além de apenas organização, existe uma devoção á vocação dos partidos, é como um dever. E neste sentido a remuneração paga aos membros é o fator que mais determina este laço que não querem romper com o partido. Michels demonstra que ao contrário de outros países, na Alemanha o apoio aos partidos esta na fidelidade, na disciplina e no sentimento de dever.

Ao elaborar a Lei de Ferro, Michels a achava compatível para qualquer organização em massa, até mesmo para a democracia de massa, já que as próprias eleições já se tornavam oligarquização. Ele também discute sobre a ineficácia dos mecanismos que eram usados contra a oligarquização, como por exemplo, os referendos que por si só já eram projetos de manipulação dos chefes e da própria burocracia.

A teoria de Michels neste sentido nos faz entender que a democracia enquanto governo de massa é algo praticamente impossível, pois, a oligarquia é a forma pré-estabelecida da vida em comum dos grandes agregados sociais.

Por fim, podemos perceber que Michels, demonstrou que os objetivos dos partidos de massa, mudam conforme seu crescimento. Vemos que no início o intuito é substituir o estado burguês, mas que ao passar do tempo, o objetivo é se infiltrar nas articulações do Estado. Onde os partidos socialistas não mais lutam com os partidos burgueses por ideologias partidárias opostas, mas sim, lutam para conquistar e se manter no poder.

A luta que os socialistas travam contra os partidos das classes dominantes não é mais concebida como uma luta de princípios, mas como uma luta de concorrência. O partido revolucionário rivaliza com os partidos burgueses pela conquista do poder. Por isso ele abre seus quadros a todos os indivíduos que possam lhe ser uteis sob esse aspecto ou sejam simplesmente suscetíveis de reformar e aumentar seus batalhões na luta em que esta engajado. (Michels, 1982, pag. 224).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir ao fim da exposição das principais obras dos teóricos clássicos das elites, que para uma análise sociológica da teoria das elites é necessário primeiramente entender e assimilar os conceitos apresentados pelos três autores fundamentais desta teoria. Pois, existe uma sucessão de ideias, onde se verifica influências de uma obra sob outra, o que nos conduz a uma ideia de continuidade, entretanto ao analisar a principal obra de cada autor percebemos que existem na classificação de indivíduos estes que compõe uma elite política, contornos especiais que faz a captura de elementos de cada obra. Com o estudo destes três autores percebe-se um conjunto de fatores, regras, influências que proporciona a reflexão da construção social do termo elite.

A preocupação evidente na obra de Gaetano Mosca é com as minorias políticas. Para ele o fundamental para análise da classe política é o mecanismo político e também social que é responsável pela formação e distinção das elites. Neste sentido percebe-se como característica fundamental a divisão da sociedade em duas classes. Os que compunham a esfera dominante da sociedade, que ocupavam diversos fatores, que podem ser de cunho subjetivo, ou também características econômicas predominantes são os chamados grupo de elite.

As forças sociais, ou fórmula da prática política, eram as características especiais que a classe dominante tinha em seu currículo, e eram elas e a partir delas que se formava e se determinava cada vez mais a divisão das classes.

Quando Mosca discorre sobre a hereditariedade, na sucessão do poder, percebe-se ainda mais as forças sociais agindo no seio das classes. Onde quase não se há possibilidade de pessoas de outras classes, reverter à situação de poder nas mãos de poucos. Ao contrário a questão da hereditariedade reafirma e faz suceder essa trajetória de escolha e recrutamento dos melhores, mais aptos, com família, berço, padrinhos para estar à frente do Estado. A democracia neste sentido utópica, e as eleições serviriam apenas lutas entre os partidos.

Por fim, Mosca, expõe que sempre existirá uma classe dominante em todas as sociedades, ainda que uma classe perca seu polo de poder, outra surgirá e tomará o seu lugar.

Conclui-se que Vilfredo Pareto desenvolve sua teoria de análise sociológica visando às mudanças políticas e sociais do Estado. Com a Guerra Civil Europeia,

ele se entusiasma a entender a democracia, levando em conta a subjetividade das relações sociais. Pareto sistematizava que os seres humanos inseridos na sociedade disputavam entre si para legitimar seu poder. Onde o comportamento humano é fundamental para se explicar a obra de Pareto. É o comportamento humano nesse sentido que constituem os fenômenos sociais.

Assim as elites desta forma estão em todas as sociedades hierarquizadas, que são formadas por dominantes e dominados. Os dominantes da sociedade estão em constante movimento, em circulação; e é justamente neles que a elite termina como cemitério de aristocratas. Para Pareto o movimento da sociedade é determinado pelas mudanças em que se encontram o poder; é o que dá mobilidade e promove circulação na hierarquia das sociedades.

Assim vemos que para Pareto as relações sociais são pautadas em disputas pelo poder, e pelo comando do Estado. Da mesma forma em que percebe suas convicções pela superioridade a que tinha esse grupo seletivo de pessoas, que dominando o poder político fazia cada vez mais serem escancaradas as desigualdades sociais. A desigualdade de classes, aliás, era algo pertencente a ordem natural da sociedade. Por fim na obra de Pareto o Estado é fator fundamental no equilíbrio social. Esse Estado é que divide a sociedade em estratos, superior e inferior, governante ou governados.

A análise sociológica agora pelos trabalhos de Michels faz refletir sobre a ideia de democracia não apenas entre dominados e dominadores, mas sim refletir até que ponto os grupos que mais defendem a democracia, aplicam a mesma em seus meios de articulação social; que é o caso do partido socialista europeu. Michels apresentou com a Sociologia dos Partidos Políticos, a formação e desenvolvimento de uma elite dentro do partido de massa.

Ele acomoda elementos das obras de Mosca e de Pareto, combinando-os. Justifica sua teoria com argumentos da biologia e psicologia social e da teoria das organizações. Centraliza o seu estudo nos partidos de massa, observando de que forma esse grupo desenvolve suas concepções políticas, como articula estratégias para dominação da massa, e de que forma o partido político vai se tornando uma oligarquia, mesmo tendo a democracia como ponto ideal. Os partidos de esquerda não mais representariam uma forma de se obter a mudança, mas sim revela o sistema que estabiliza a dominação.

As obras nos permitem compreender as características fundamentais dos grupos sociais, que por variadas formas, assumem o posto majoritário, definido como elite. Os três autores escolhidos, são precursores de um estudo que é bastante importante, e que dele derivou obras de muitos outros teóricos, que consagrados na sociologia política, dedicaram seus estudos ao entender a questão de elites políticas na sociedade.

7. BIBLIOGRAFIA

BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. 4ª ed. Brasília: EDUnB, 1992.

GRYNSZPAN, Mário. *Ciência política e trajetórias sociais: uma sociologia histórica da teria das elites*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 255 p.

MICHELS, Robert. *Sociologia dos Partidos Políticos*. Trad. De Arthur Chaudon. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.

MOSCA, Gaetano. *La Clase Política*. Seleccion e introducion Norberto Bobbio. Tradução Marcos Lara. Fondo de Cultura Economica, 1984.

MOSCA, Gaetano. *Teorica dei governi e governo parlamentare*. Studi storici e social. 2 ed. Milano, Soc. Na. EditorialeScientifico, 1925.4

PARETO, Vilfredo. *Cours d'economie politique*. 2 ed. Genève, Droz, 1964.

PARETO, Vilfredo. *Les Systèmes Socialistes*. 3 ed. Genève, Droz, 1965.

PARETO, Vilfredo. *Traité de sociologia générale*. Paris, Payot, 1933. 2v.